

ANA MACEDO

# Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica



«Aprendi e fruí  
com a sua leitura.  
Leiam o livro e concluem  
por vós próprios.»

*Graça Freitas*  
Diretora-Geral da Saúde  
Do Prefácio

EDIÇÕES SÍLABO

O Manuel nasceu rapaz. Era um pequeno bebé completamente saudável e com um desenvolvimento adequado. Aos 3 anos de idade o Manuel rasgou o papel de parede que forrava parte do seu quarto com naves espaciais e pequenos dragões com ar simpático que deitavam fumo pelo nariz. Não Gosto! Quero um castelo com princesas, quero fadas com asas brilhantes e estrelas!

Não houve problema, a mãe do Manuel mudou o papel nas paredes. Surgiram paredes brancas com autocolantes de fadas cor de rosa com asas brilhantes a colorirem o ambiente. O Manuel adorou. Ele queria ser uma Fada.



# Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica

Ana Macedo



*EDIÇÕES SÍLABO*

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede  
[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

#### FICHA TÉCNICA

Título: Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica

Autora: Ana Macedo

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

Imagem da capa: Ashley Van Dyck | Dreamstime.com

1ª Edição – Lisboa, junho de 2018.

Impressão e acabamentos: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 442004/18

ISBN: 978-972-618-953-4



**EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**

Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: [silabo@silabo.pt](mailto:silabo@silabo.pt)

[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

# Índice

<b>Índice de figuras e tabelas</b>	11
<b>Prefácio</b>	13
<b>Abreviaturas</b>	15
<b>Nota prévia</b>	17

## **Capítulo 1**

---

<b>Importância da terminologia</b>	19
1.1. Termos que se relacionam com a orientação sexual	20
1.2. Termos que se relacionam com identidade de género	21
1.3. Termos que se relacionam com o desenvolvimento sexual	22

## **Capítulo 2**

---

<b>Um olhar sobre a identidade de género e orientação sexual através da história da medicina</b>	23
2.1. Início do século XX	23
2.2. As décadas de 1930 e 40 – O olhar de Freud sobre a orientação sexual	25
2.3. A «ciência» das décadas de 1950 e 60	28
2.4. As décadas de 1960 e 70 – As lutas sociais e políticas marcam a história médica	32
2.5. A década de 1980 – O percurso até à despatologização da homossexualidade	34
2.6. Evolução da classificação de diagnósticos relacionados com identidade de género	37
Quiz 1	41

### Capítulo 3

---

<b>Identidade de género</b>	43
3.1. Género, sexo e outras definições	43
3.2. Espectro de género	45
3.3. Género não binário em várias zonas do mundo	46
3.4. Facebook e identidade de género	48
3.5. Diferentes identidades de género	49
3.5.1. Boys Don't Cry	50
3.6. Expressão e afirmação de género	52
3.7. Quando a identidade de género não corresponde ao sexo designado à nascença – ainda um diagnóstico médico	57
3.8. Prevalência de pessoas transgénero	59
Quiz 2	63

### Capítulo 4

---

<b>Deixaremos um dia de ser heteronormativos?</b>	65
4.1. A heteronormatividade está em todo o lado	65
4.2. Heteronormatividade na abordagem médica	66
Quiz 3	71

### Capítulo 5

---

<b>Diferenças no Desenvolvimento Sexual (DSD)</b>	73
5.1. Nomenclatura e classificações das diferenças no desenvolvimento sexual (DSD)	73
5.2. Incidência de DSD	76
5.3. Avaliação de uma pessoa com ambiguidade genital	77
Quiz 4	81

## Capítulo 6

---

<b>Tratamento hormonal e cirúrgico de afirmação de género</b>	83
6.1. Tratamento hormonal de afirmação de género	83
6.1.1. Inibição da puberdade	85
6.1.2. Terapêutica hormonal de afirmação de género feminino	86
6.1.3. Terapêutica hormonal de afirmação de género masculino	90
6.2. Cirurgias de afirmação de género feminino	92
6.2.1. Vaginoplastia	92
6.2.2. Cirurgia de reconstrução mamária	93
6.2.3. Cirurgia de feminização da face	93
6.2.4. Condrolaringoplastia e cirurgia da voz	94
6.2.5. Orquidectomia	94
6.3. Cirurgias de afirmação de género masculino	94
6.3.1. Cirurgia de masculinização facial	95
6.3.2. Masculinização torácica	95
6.3.3. Faloplastia	95
6.3.4. Metoidioplastia	96
6.3.5. Vaginectomia	97
6.3.6. Histerectomia e salpingo-ooforectomia	97
Quiz 5	101

## Capítulo 7

---

<b>Preservação da fertilidade em pessoas transgénero</b>	103
--	-----

## Capítulo 8

---

<b>Atletas transgénero: desporto de competição e <i>doping</i></b>	107
Quiz 6	111



## Capítulo 9

---

<b>Especificidades em saúde na população LGB</b>	113
9.1. Interseccionalidade	115
9.2. História clínica e exame objetivo em pessoas LGB	117
9.3. <i>Coming out</i> – Abordagem da orientação sexual com os pais de jovens LGB	120
9.4. Parentalidade e gravidez em casais ou pessoas homossexuais	122
9.5. Abordagem de famílias homoparentais	124
9.6. Tabagismo	125
9.7. Consumo de álcool e drogas	127
9.8. Peso, imagem corporal e doenças de comportamento alimentar	128
9.9. Infecção por VIH em pessoas LGB	130
9.10. Outras infeções sexualmente transmitidas em pessoas LGB	131
9.11. Neoplasias em pessoas LGB	133
9.11.1. Cancro da mama	134
9.11.2. Cancro do colo do útero	135
9.11.3. Cancro do ânus	135
9.12. Doença mental e suicídio	136
9.13. Outras patologias com prevalência aumentada em pessoas LGB	137
9.13.1. Risco e doença cardiovascular	137
9.13.2. Qualidade e duração do sono	138
9.13.3. Asma	139
9.13.4. Doenças ginecológicas	139
Quiz 7	145

## Capítulo 10

---

<b>Especificidade em saúde em pessoas transgénero</b>	147
10.1. História clínica e exame objetivo em pessoas transgénero	147
10.1.1. Colheita de história clínica em pessoas transgénero	147

10.1.2. Exame objetivo da pessoa transgénero	151
10.2. Análises laboratoriais em pessoas transgénero	152
10.2.1. Hemograma em pessoas transgénero	153
10.2.2. Perfil lipídico em pessoas transgénero	153
10.3. Tabagismo em pessoas transgénero	154
10.4. Peso corporal e massa gorda em pessoas transgénero	154
10.5. Risco cardiovascular em pessoas transgénero	155
10.6. Densidade óssea e osteoporose em pessoas transgénero	156
10.7. Dor pélvica em pessoas transgénero masculino	156
10.8. Hemorragia uterina anómala em pessoas transgénero masculino	157
10.9. Dor testicular	158
10.10. Infecção VIH e outras doenças sexualmente transmitidas	158
10.11. Doença mental e suicídio em pessoas transgénero	160
10.12. Neoplasias em pessoas transgénero	162
10.12.1. Cancro da mama	162
10.12.2. Cancro do colo do útero	163
10.12.3. Cancro do endométrio e cancro do ovário	164
10.12.4. Cancro da próstata	164
10.12.5. Meningioma	165
10.12.6. Outras doenças neoplásicas	165
10.13. Outras doenças com potencial risco acrescido em pessoas transgénero	165
10.13.1. Diabetes	165
10.13.2. Hipertensão	166
10.13.3. Enxaqueca	166
10.13.4. Doenças autoimunes	166
Quiz 8	171

## Capítulo 11

---

**Incorporação do tema identidade de género e orientação sexual nos currículos dos cursos de medicina** 175

**Glossário** 181

**Respostas Quiz** 185

# Índice de figuras e tabelas

## Figuras

Figura 1. Carta de Freud a uma mãe – <i>I gather from your letter that your son is a homosexual</i>	24
Figura 2. <i>Royal Prerogative of Mercy</i> a Alan Turing	27
Figura 3. Representação da Escala de Kinsey	28
Figura 4. Critérios de diagnóstico de Disforia de Género de acordo com o DSM-5 – Adaptado de DSM-5	55
Figura 5. Esquema de interseccionalidade de doença na população LGB	114
Figura 6. Exemplo de estrutura para colheita da história sexual	116
Figura 7. Identificação de género, sexo e nome	146

## Tabelas

Tabela 1. Evolução do diagnóstico de homossexualidade no <i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i> (DSM)	33
Tabela 2. Evolução do diagnóstico de homossexualidade na Classificação Internacional de Doenças (ICD) da Organização Mundial de Saúde	34
Tabela 3. Revisão de Nomenclatura pela <i>Chicago Consensus Meeting</i>	73
Tabela 4. Exemplos de Classificação de DSD	73



## Prefácio

«Era a quarta de cinco filhos, nascida numa noite fria de janeiro, à luz de um candeeiro de óleo (...), a parteira que a trouxera ao mundo e a colocara nos braços da mãe enrolada em dois xales, disse:

— É um menino»

*O Ministério da Felicidade Suprema*

Arundhati Roy

A Ana Macedo escreve sobre o que sabe e escreve bem.

O livro é de uma clareza, rigor e didatismo absolutamente notáveis na abordagem da identidade de género e de temas relacionados, em que a linguagem técnica não conflitua com a elegância e fluidez da escrita. E o livro é tão mais importante quantas as imprecisões, equívocos e desconhecimentos que existem sobre a matéria, mesmo entre estudantes e profissionais de ciências da saúde. Para já não falar em preconceito.

«Em geral médicos e alunos de medicina assumem que têm pouca ou nenhuma preparação no que concerne à abordagem em contexto clínico da orientação sexual e de assuntos relacionados com a identidade de género». Se nestes, as limitações são evidentes e admitidas, na população em geral verifica-se, com frequência, uma mistura de ignorância, negação, distorção e descriminação, frequentemente grosseira e herdada de «conhecimentos» e atitudes anteriores que se têm perpetuado. Portanto, este não é apenas um manual técnico, é um livro essencial, acessível a todos e fortemente recomendado.

O tom do livro e a sua extrema clareza é notório desde a «Nota prévia», cujo conteúdo partilho inteiramente e em que a Ana Macedo reflete sobre a sua própria incapacidade para evitar o género (gramatical) masculino como linguagem, propondo a «reinvenção da língua para criar nomes e pronomes que permitam o uso mais igualitário dessa linguagem».

E porque a linguagem importa e classifica, realço também o primeiro capítulo «Importância da Terminologia» que clarifica e facilita a leitura inequívoca dos capítulos que se seguem e do qual destaco a referência a

peçoas que podem assumir «(...) terem uma identidade de género fluida, que se movimentava através do espectro de género, num contínuo entre o feminino e o masculino», opção oposta ao gosto tão enraizado pela dicotomia preto/branco.

O olhar sobre a identidade de género e orientação sexual através da história da medicina conduz-nos ao capítulo 3 «Identidade de Género» no qual se aborda a essência do livro e em que a descrição «A população Hijra, na Índia, é considerada a maior comunidade de pessoas do terceiro sexo no mundo, estimando-se o seu número em 5 a 6 milhões de indivíduos» me remeteu para o nascimento de uma dessas pessoas, magnificamente descrito no livro *O Ministério da Felicidade Suprema*.

No capítulo 4 Ana Macedo deixa-nos uma interrogação, «Deixaremos um dia de ser heteronormativos»? e esta interrogação remete-nos para a inclusão e respeito pela diversidade, rejeitando o estigma e a complacência.

O livro evolui para uma abordagem mais médica/de saúde e torna-se fulcral como referência pedagógica e científica de matérias relacionadas com orientação sexual e identidade de género, abordando as questões de relacionamento profissional/pessoa, o diagnóstico, as abordagens terapêuticas, os riscos e as doenças associadas.

No plano pedagógico destaco a sistematização dos temas, a excelente bibliografia referida, os «Quiz» apresentados ao longo do livro e o glossário que sumariza a terminologia adequada.

Corroboro a «Incorporação do tema de identidade de género e orientação sexual nos currículos dos cursos de medicina» e, atrevo-me a dizer, de outras profissões da saúde, para «promover a equidade e não discriminação na abordagem de doentes e famílias, a comunicação interpessoal, o respeito e profissionalismo, o apoio a situações de interpelação com outros sistemas e instituições e o conhecimento para práticas adequadas».

Considero o livro fundamental para a formação de profissionais de saúde e de boa leitura para todos, colmatando de forma absolutamente rigorosa matéria que continua a ser tabu e fonte de discriminação na sociedade e que tem implicações na dignidade e felicidade de todos nós.

Aprendi e fruí com a sua leitura.

Leiam o livro e concluam por vós próprios.

Lisboa, maio de 2018

*Graça Freitas*

Diretora-Geral da Saúde

## Abreviaturas

AAMC	<i>Association of American Medical Colleges</i>
AMH	Hormona Anti-Mulleriana
APA	<i>American Psychiatric Association</i>
ART	Terapêutica antirretroviral ( <i>Antiretroviral Therapy</i> )
AUT	Autorização para Uso Terapêutico
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CAH	Hiperplasia Suprarrenal Congênita ( <i>Congenital Adrenal Hyperplasia</i> )
CAIS	Síndrome de Insensibilidade Completa aos Androgénios ( <i>Complete Androgen Insensitivity Syndrome</i> )
CDC	<i>Centers for Disease Control and Prevention</i>
DCV	Doença Cardiovascular
DSD	Diferenças no Desenvolvimento Sexual
DSM	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
FIV	Fertilização <i>in vitro</i>
FSH	Hormona Folículo Estimulante ( <i>Follicle-Stimulating Hormone</i> )
GnRH	Hormona de Libertação da Gonadotropina ( <i>Gonadotropin-Releasing Hormone</i> )
HDL	Lipoproteína de alta densidade ( <i>High Density Lipoprotein</i> )
HPV	Vírus do Papiloma Humano
HSH	Homens que têm relações sexuais com homens
IC	Intervalo de Confiança
ICD	Classificação Internacional de Doenças ( <i>International Classification of Diseases</i> )
IIU	Inseminação Intrauterina



IMC	Índice de Massa Corporal
LBG	Pessoas lésbicas, pessoas gays ou pessoas bissexuais
LGBT	Pessoas lésbicas, pessoas gays, pessoas bissexuais ou pessoas transgénero
LGBTQ	Pessoas lésbicas, pessoas gays, pessoas bissexuais, pessoas transgénero ou pessoas <i>queer</i>
LH	Hormona Luteínica ( <i>Luteinizing Hormone</i> )
NCHA	<i>National College Health Assessment</i>
OR	<i>Odds Ratio</i>
PAIS	Síndrome de Insensibilidade Parcial aos Androgénios ( <i>Partial Androgen Insensitivity Syndrome</i> )
PMA	Procriação Medicamente Assistida
POC	Perturbação Obsessivo-Compulsiva
PrEP	Profilaxia Pré-exposição
PSA	Antígeno prostático específico ( <i>Prostate Specific Antigen</i> )
RR	Risco Relativo
SOP	Síndrome do Ovário Poliquístico
TEV	Tromboembolismo Venoso
VIH	Vírus da Imunodeficiência Humana
WPATH	<i>World Professional Association for Transgender Health</i>

## Nota prévia

Enquanto escrevia este livro dei por mim, muitas vezes parada a pensar na palavra que deveria escrever a seguir. Não porque me faltassem palavras ou porque as ideias não surgissem mas simplesmente porque não conseguia decidir o melhor género para essas mesmas palavras. E apesar de toda a reflexão, de todos os pensamentos e, tantas vezes de reescrever frases inteiras, no fim prevaleceu o género (gramatical) masculino.

As minhas desculpas por não ter conseguido deixar de usar o masculino como linguagem para as situações em que se juntam feminino e masculino, por usar pais quando na verdade são mães e pais, os adolescentes, os doentes quando se trata de *as* e *os* adolescentes e de *as* e *os* doentes, entre tantos outro exemplos.

Teremos que, num futuro próximo, ser capazes de reinventar a língua e criar nomes e pronomes neutros que permitem um uso mais igualitário da linguagem.



## Capítulo 1

# Importância da terminologia

O uso de terminologia apropriada pode, à primeira vista, parecer um tema de somenos importância. No entanto, a equidade começa pela nossa capacidade individual e coletiva de usar uma terminologia apropriada, científica e socialmente correta, abrangente e individualmente respeitosa.

Começemos por definir o que se entende por sexo e por género. Quando nos referimos ao sexo biológico estamos a considerar o corpo, em sentido anatómico, e a sua componente genética. Habitualmente, o sexo biológico é atribuído à nascença como sendo feminino ou masculino, com base na anatomia visível.

O género é composto pela identidade individual, pela expressão dessa identidade e pela forma como tanto a identidade autopercecionada como a sua expressão se relacionam com os papéis de género tradicionais de cada sociedade. Identidade de género corresponde ao género com o qual a pessoa se identifica e através do qual se expressa na sua vida diária!<sup>[1]</sup>

O acrónimo LGBT tem sido usado e amplamente usado em sentido lato incluindo em si mesmo uma diversidade de indivíduos e de situações. Construído a partir das designações em língua inglesa LGBT (*lesbian, gay, bisexual, transgender*) inclui populações cuja identidade se baseia na sua orientação sexual (LGB) e na identidade de género (T).

Este acrónimo tem vindo a ser modificado procurando incluir outras situações como sejam pessoas designadas intersexo (ver adiante nova nomenclatura para esta situação) ou *queer*, dando origem à designação LGBTQI. Numa lógica mais abrangente surge o acrónimo LGBTQI\*.

A compreensão da terminologia ajuda à sua correta utilização e à expressão de respeito para com as pessoas.

Podemos subdividir os termos relacionados com esta temática nos seguintes grupos:

## **1.1. Termos que se relacionam com a orientação sexual**

A orientação sexual define-se como o sentimento de atração romântica, emocional ou sexual por um determinado tipo de corpo ou de identidade de género. As formas mais comuns incluem: heterossexualidade, pessoas que se sentem atraídas por outras do sexo oposto ou do género oposto; homossexualidade, pessoas que se sentem atraídas por outras do mesmo sexo ou género; e, bissexualidade, pessoas que se sentem atraídas tanto por pessoas do sexo ou género oposto como por pessoas do mesmo sexo ou género.

Tipicamente consideram-se as seguintes categorias: pessoas lésbicas, (refere-se a mulheres ou pessoas de género feminino que se identificam como tendo atração romântica, atração sexual ou relações sexuais com pessoas do mesmo sexo ou género), pessoas gays (refere-se a pessoas (habitualmente homens) que se identificam como tendo atração romântica, atração sexual ou relações sexuais com pessoas do mesmo sexo ou género), pessoas bissexuais (refere-se a pessoas que se identificam como tendo atração romântica, atração sexual ou relações sexuais tanto com pessoas de sexo género feminino como de sexo género masculino).

As recomendações em termos de terminologia vão no sentido de se utilizarem os termos homossexual e heterossexual apenas como adjetivos para comportamentos e não como substantivos que identificam uma identidade. A orientação sexual de uma pessoa não traduz necessariamente a sua história ou comportamentos sexuais. É relativamente frequente que mulheres que se identificam como lésbicas possam ter ou ter tipo parceiros sexuais do sexo masculino, ou homens que se identificam como heterossexuais manterem ou terem tido relações sexuais com homens. Neste contexto, os profissionais de saúde não devem assumir comportamentos ou práticas sexuais baseando-se exclusivamente na orientação sexual explicitada pelo doente, apesar desta constituir um elemento muito importante na história clínica.



**Ana Macedo.** Médica, pela Faculdade de Medicina de Lisboa. Doutora em Farmacologia Clínica pela Universidade Autónoma de Barcelona. Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Ciências Biomédicas e Medicina da Universidade do Algarve. Diretora Científica da Keypoint Consultoria Científica. Autora dos livros *Como Nascem Novos Medicamentos*, *Estatística Precisa-se! – Conceitos e técnicas aplicadas às ciências da saúde* e *A Saúde Não tem Preço mas Tem Custos*.

Este livro conduz o leitor ao longo de um percurso sobre o género, o sexo, a identidade de género e a orientação sexual, atravessando as barreiras da história e confrontando-nos com realidades uma vez mais próximas outras mais distantes, mas que no seu conjunto traduzem a diversidade dos seres humanos.

Neste livro podem distinguir-se três áreas temáticas principais: terminologia e definição de conceitos; estratégias clínicas na abordagem de pessoas com diferentes identidades de género; e, especificidades em saúde (e doença) de pessoas com diferentes orientações sexuais e diferentes identidades de género.

Ao longo do texto o leitor é convidado a reaprender uma terminologia tão familiar quanto desconhecida, que por parecer óbvia é muitas e muitas vezes utilizada de forma desadequada. Mergulhando mais a fundo, e no que concerne à identidade de género, o texto conta-nos histórias, questiona *o que é um homem? o que é uma mulher?* Apresenta uma revisão da literatura médica sobre a melhor abordagem clínica em pessoas com diferentes identidades de género e sobre especificidades em saúde de pessoas com diferentes orientações sexuais ou diferentes identidades de género, descrevendo e exemplificando histórias clínicas, exame objetivo e focando-se na epidemiologia e apresentação clínica de diversas patologias.

Um livro útil a médicos, profissionais de saúde, educadores, mães, pais e todos aqueles que, qualquer que seja o motivo, pretendam obter informação e conhecimentos sobre um tema que desperta interesse e atenção crescente nas comunidades humanas e procuram pistas para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

«O livro é de uma clareza, rigor e didatismo absolutamente notáveis na abordagem da identidade de género e de temas relacionados, em que a linguagem técnica não conflita com a elegância e fluidez da escrita. E o livro é tão mais importante quantas as imprecisões, equívocos e desconhecimentos que existem sobre a matéria, mesmo entre estudantes e profissionais de ciências da saúde. Para já não falar em preconceito.»

Graça Freitas  
Do Prefácio



ISBN 978-972-618-953-4



9 789726 189534

685